



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA TUPINIKIM E
GUARANI**

KEILLA PEREIRA DA ROSA DE ALMEIDA

**MEMÓRIAS SOBRE EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NA PRAIA DA ÁGUA
BOA: NARRATIVAS DE INDÍGENAS DA ALDEIA PAU BRASIL, DO
POVO TUPINIKIM**

ARACRUZ

2022

KEILLA PEREIRA DA ROSA DE ALMEIDA

**MEMÓRIAS SOBRE EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NA PRAIA DA ÁGUA
BOA: NARRATIVAS DE INDÍGENAS DA ALDEIA PAU BRASIL, DO
POVO TUPINIKIM**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao PROLIND como requisito
para obtenção do título de Graduação em
Licenciatura Intercultural Indígena, da
Universidade Federal do Espírito Santo, sob
a orientação da Prof.^a Dr.^a Andrea Bayerl
Mongim

ARACRUZ

2022

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, nesse momento muito importante da minha vida acadêmica que é me formar em nível superior, pela Licenciatura Intercultural Indígena Tupinikim e Guarani, venho agradecer a DEUS por ter me concedido essa oportunidade de até aqui chegar e realizar mais esse sonho. Foram muitos anos de intenso trabalho, frustrações, dificuldades e realizações. Porém, até aqui Deus me sustentou e esse sonho virou realidade.

Também quero agradecer a minha família, mãe e irmãos, que me ajudaram com muito incentivo de força e coragem, de não desistir jamais de poder concluir esse curso e nunca desanimar diante da vontade de realizar um sonho.

Ao meu esposo André, que sempre esteve a meu lado, apoiando-me com palavras de força, sempre procurando me animar para que não desistisse, pois as dificuldades são muitas, mas é possível, com o apoio de pessoas queridas que querem o nosso melhor. Isso é muito importante.

Agradeço aos meus filhos Nathan e Rebeca pela compreensão de me ausentar em alguns momentos, pois tudo que faço é sempre pensando no melhor para eles. Com a ajuda dos dois me tornei uma mulher mais lutadora e responsável.

Agradeço a todas as lideranças indígenas que participaram da construção do PROLIND (Programa de Licenciatura Intercultural Indígena Tupinikim e Guarani) dando oportunidade não só para mim, mas para todos que puderam fazer parte desse curso.

Agradeço também à professora Andréa Bayerl Mongim por ter aceito ser minha orientadora na confecção deste TCC. Orientou-me sempre com todo carinho e dedicação, mesmo com tantas dificuldades que apareceram no caminho. Sem a ajuda dela não seria possível finalizar esse sonho.

Para quem acredita em Tupã (Deus), tudo é possível.

RESUMO

Neste estudo busco analisar memórias e narrativas de indígenas do povo Tupinikim, que vivem na aldeia Pau Brasil, sobre experiências vivenciadas na Praia da Água Boa. A pesquisa constitui uma abordagem qualitativa, com caráter exploratório. Além de considerar minhas próprias memórias, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três pessoas da comunidade. O ritual de ir à praia da Água Boa, nos períodos de lua nova e cheia, compartilhar vivências e memórias, existiu durante muitos anos, mas foi subitamente interrompido pela construção de um estaleiro no local. As narrativas dos entrevistados atribuem a este lugar um significado especial. Constituíam-se, ao mesmo tempo, em espaço de lazer, da reunião entre famílias, do alimento extraído e compartilhado, de resistência e de memória. As pessoas iam à praia da Água Boa por lazer, mas também por necessidade de obter alimentos, pois, em muitos períodos, a situação financeira de cada família era muito difícil. As narrativas reafirmam o quanto as memórias sobre a Praia da Água Boa são importantes para o reconhecimento de nossa identidade enquanto povo Tupinikim, da Aldeia Pau Brasil. Registrar essas memórias e torná-las acessíveis para as crianças, nas escolas, é fundamental. A maioria delas, no tempo de hoje, não está tendo a oportunidade de conhecer e de vivenciar práticas que faziam parte de um contexto pertencente a nossa cultura. Muitas vezes, nossas memórias passam por um processo de silenciamento. Através dessas narrativas, escritos por uma mulher indígena, mãe e educadora, essas memórias podem deixar de ser subterrâneas, para serem mostradas para todas as pessoas

Palavras-chave: Memória; Aldeia Pau Brasil; Praia da Água Boa

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	05
1.1 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	08
1.2 MEMÓRIA E PERTENCIMENTO.....	09
2 ESPAÇO SOCIAL DE MORADIA E TRAJETÓRIAS DOS ENTREVISTADOS.....	12
2.1 ALDEIA INDÍGENA TUPINIKIM PAU BRASIL.....	14
2.2 TRAJETÓRIAS DOS ENTREVISTADOS.....	16
3 MEMÓRIAS E NARRATIVAS SOBRE EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NA PRAIA DA ÁGUA BOA.....	21
3.1 DEMARCAÇÃO DAS TERRAS INDÍGENAS TUPINIKIM E GUARANI.....	22
3.2 MEMÓRIAS SOBRE A PRAIA DA ÁGUA BOA.....	24
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
8 REFERÊNCIAS	30

1 INTRODUÇÃO

Meu nome é Keilla Pereira da Rosa de Almeida, sou nascida em Vitória, capital do Espírito Santo, no ano de 1976. Morei por dez anos no Município de Serra, ES. Então, por motivos pessoais, no dia 26 de fevereiro de 1989 minha vida começou a mudar muito. Eu, minha mãe e minhas duas irmãs viemos morar na casa do meu avô materno, em Pau Brasil. Para mim, a casa do meu avô sempre foi um lugar para passear na roça, para passar férias. Jamais pensava em vir morar aqui, muito menos que meu avô, tios e a minha própria mãe eram indígenas, porque em momento algum, que eu me lembre, falaram de Pau Brasil como uma Aldeia.

Só comecei a me reconhecer como indígena mais tarde, conforme vou relatar adiante. Moramos com meu avô na mesma casa, junto com meus dois tios, por dois anos. Já morando em Pau Brasil, quando minha irmã mais nova tinha quase cinco anos, nasceu Murilo, meu irmão caçula. Meu pai permaneceu morando no município da Serra, pois trabalhava como garçom. Foi uma época muito difícil, mas, por um lado, foi muito divertido sair da cidade e vir morar na “roça”. Após dois anos morando junto com meu avô, minha mãe conseguiu uma casinha de estuque que meu tio Manoel havia dado para ela. Tinha três cômodos e ali começamos a construir nossa vida. Como mamãe não havia conseguido vaga para eu estudar nas escolas de Aracruz, tive que ficar um ano sem estudo até que surgiu uma oportunidade, junto com colegas e primos da Aldeia, em uma escola agropecuária, em Rio Bananal, município de Linhares, distante cerca de 117,6 quilômetros de nossa residência.

Para dar continuidade ao então denominado segundo grau, meus colegas foram para outra escola agropecuária, em Guarapari. Eu quis ficar e estudar em Aracruz, mas logo no início do ano a escola entrou em greve. Então, precisei voltar a estudar numa escola agropecuária. Ficávamos quinze dias na escola e quinze dias em casa. Em 1996, me formei em técnico em agropecuária. Retornando para aldeia, no mesmo ano iniciei o curso de magistério indígena

diferenciado que tinha como objetivo formar pessoas das comunidades Indígenas em professores para atuarem nas escolas. Foi a partir desse momento, fazendo este curso, que pude começar a me reconhecer como indígena. Mesmo assim, sabia muito pouco sobre mim e sobre a história do meu povo. Fui escolhida pelas lideranças da minha aldeia para fazer esse curso. Nesse período aprendi muitas coisas com meus colegas e com as lideranças, através do contato com suas memórias sobre assuntos que dizem respeito à cultura e à história do povo indígena Tupinikim. Então, comecei a me reconhecer enquanto Tupinikim e a conhecer melhor sobre a minha cultura, minha própria identidade e também das outras aldeias que estão ao nosso redor. Estavam sempre presentes no curso ajudando no que se fazia necessário. Após o término do curso, me tornei educadora indígena no ano de 2005, quando fui aceita por todos pais de alunos para substituir uma professora que precisou se licenciar para fazer o mestrado.

Estou há dezesseis anos atuando na educação escolar indígena. Como educadora fui convidada a participar da elaboração de um projeto chamado PROLIND, uma Licenciatura intercultural Indígena Tupinikim e Guarani. Participávamos dessas reuniões na UFES e na aldeia. Foram longos anos de discussão e com muita dificuldade para que a universidade pudesse, de fato, fazer parte do sonho de termos uma licenciatura intercultural indígena específica para nós. Em julho de 2015 começamos a cursar essa tão sonhada licenciatura. Para mim está sendo a realização de um sonho. Como a Licenciatura Intercultural Indígena Tupinikim e Guarani é dividida em três modalidades eu me identifiquei mais com Ciências Sociais e Humanidades. Foi nessa área que tive o prazer de estudar a disciplina chamada Memória e Etnoconhecimentos, ministrada pela formadora Andréa Mongim. Suas aulas me fizeram lembrar de momentos da minha vida e de muitos fatos e acontecimentos que já aconteceram em nossa aldeia, que poderiam ser registrados e contados por pessoas de nossa própria comunidade.

Diante disto, neste Trabalho de Conclusão de Curso me dediquei ao estudo da memória social, mais especificamente, às lembranças de indígenas do povo Tupinikim, que vivem na Aldeia Pau Brasil, situada no Município de

Aracruz-ES. Também considerei minhas próprias memórias. Esse estudo está sendo muito importante para mim enquanto mulher, educadora indígena Tupinikim, pois me refiro às memórias vividas em um lugar que está presente não só em minhas lembranças, mas também nas memórias de pessoas que fazem parte da Aldeia onde moro.

Esta pesquisa teve como objetivo principal registrar e analisar as memórias vivenciadas por indígenas moradores da Aldeia Pau Brasil sobre experiências vivenciadas na Praia da Água Boa. Considero que este registro terá uma importância muito grande, principalmente para ser transmitido para as novas gerações e crianças da escola. Poderá contribuir para o reconhecimento e o fortalecimento da identidade indígena, constituindo-se em subsídio de estudo sobre as memórias de pertencimento indígena.

Como estudante de uma Licenciatura Indígena da habilitação de ciências Sociais e Humanidades, essas memórias só afirmam ainda mais esta identidade.

1.1 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa constitui uma abordagem qualitativa, com caráter exploratório, uma vez que poderá contribuir para o surgimento de novas perguntas e investigações. Por essa perspectiva, realizei entrevistas semiestruturadas com 3 (três) pessoas. Dona Marlene, minha mãe, anciã da comunidade, foi a primeira entrevistada. Em seguida, entrevistei a professora Kátia, da educação infantil. A terceira pessoa entrevistada foi o Senhor Valdeir, uma liderança que foi cacique da Aldeia por 16 anos¹. Também considerei minhas próprias memórias e narrativas.

¹ Considerando o lugar de reconhecimento que os entrevistados ocupam na Aldeia Pau Brasil, optei, mediante consentimento dos mesmos, em não usar nomes fictícios.

Escolhi essas pessoas para fazerem parte deste trabalho porque cada uma delas tem suas memórias em seus respectivos momentos e fases de suas vidas. Dona Marlene, minha mãe, desde criança ia, juntamente com sua família, à praia da Água Boa. Podiam realizar o ritual de mariscar, que também ajudava muito no sustento de cada um. Esse saber tradicional foi passado para nós enquanto filhos, quando viemos morar em Pau Brasil. Mais tarde, tive a oportunidade de poder levar meus dois filhos para disfrutar desse lugar maravilhoso e viver momentos de lazer, pescando de vara no mar e fazendo à cata de mariscos.

A professora Katia traz em suas memórias vários assuntos que sempre me fizeram ter curiosidade de saber um pouco mais, pois ela conhece muito sobre a história da nossa Aldeia e do nosso povo Tupinikim. Já o senhor Valdeir conhece muito bem a praia da Água Boa, tendo vivenciado momentos muito especiais nesse lugar, juntamente com sua família. Sempre nos períodos de lua cheia e nova, ia pescar, mariscar e também compartilhar conhecimentos e práticas de como se pegar os mariscos e realizar a pesca.

Muitas pessoas poderiam compartilhar de suas memórias para este estudo, mas os escolhi também pelo respeito que tenho por cada um deles e pela história de luta.

As entrevistas foram gravadas e transcritas. Foram realizadas em duas etapas. Precisei aprofundar e entender melhor alguns temas abordados na primeira fase da entrevista e também devido ao cansaço e tempo disponível das pessoas entrevistadas. Vale ressaltar que houve um grande interesse e satisfação, por parte dos entrevistados, em participar da pesquisa e falar de suas memórias sobre a Praia da Água Boa e outros assuntos pertinentes.

² Mariscar significa retirar mariscos de algum lugar. No nosso caso, das pedras.

1.2 MEMÓRIA E PERTENCIMENTO

Nesta pesquisa busquei compreender a memória como a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los através de diferentes suportes empíricos (voz, música, imagem, textos, etc.) (VON SIMSON, Olga, 2021) É possível se referir a uma memória individual que é aquela guardada por um indivíduo e se refere as suas próprias vivências e experiências, mas que contém também aspectos da memória do grupo social onde ele se formou, isto é, onde esse indivíduo foi socializado. Hallbwachs (1990) considera que a memória individual é densa e contínua e a memória coletiva é mais ampla, limitada e esquemática. Sendo assim, a memória coletiva envolve memórias individuais, mas não se limita a ela, pois “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memórias coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (HALLBWACHS, 1990, p.51).

E é por esse motivo que a memória é uma potência política, que fortalece a nossa identidade. Estará ligada a uma capacidade de relembrar através das narrativas contadas, que fazem parte da nossa vida, da história de um povo que sempre está buscando afirmar a sua identidade enquanto indígenas que praticam rituais desde os seus antepassados.

Memória e identidade estão sempre ligadas, reforçando ainda mais o sentimento de pertencimento a um dado grupo identitário. De acordo com Pollak (1989)

A memória se integra em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, Aldeias, clãs, famílias, regiões, nações, etc. (POLLAK, 1989, p.9)

No processo de criação da memória, muitas histórias podem ser repetidas ou muitas vezes ocultadas e silenciadas ao longo dos anos, não ficando conhecidas. No caso em questão, é importante observar que somente nós, moradores da Aldeia Pau Brasil, vivenciamos experiências e compartilhamos

memórias na praia da Água Boa. Outras pessoas, que não são indígenas, também conheceram esse lugar, mas, para elas, os significados compartilhados são outros. Para nós, indígenas Tupiniquim, moradores da Aldeia Pau Brasil, a praia da Água Boa representa um lugar de resistência e de memórias. Vivenciamos o processo que Pollak (1989) chama de “memórias subterrâneas”, ou seja, aquela que privilegia a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, que vivem esse processo de silenciamento, mas mesmo assim essa memória resiste, para confrontar a memória em disputa pelos dominantes. Para o autor, as “memórias subterrâneas” são aquelas que, muitas vezes, são silenciadas por questões políticas, dominação de um grupo sobre o outro, dentre outras questões. No entanto, uma vez que essas memórias “[...] conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória [...]” (POLLAK, 1989, p. 5).

Para nós da Aldeia Pau Brasil, a praia da Água Boa tem o significado de lugar de memória, conforme perspectiva apresentada por Nora (1993, p. 12 – 13), lugares de memórias “(...) são, antes de tudo, (...) marcos testemunhais de uma outra era, das ilusões de eternidade (...)” podendo ser objetos, instrumentos ou instituições, em outras palavras; são lugares onde podem ser ancorada a memória, através dos sentidos, lugares que podem fazer emergir um grupo; e lugares simbólicos, onde essa memória coletiva se constrói. Conforme esse mesmo autor:

Os lugares de memórias nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivo, que é preciso manter aniversário, organizar celebrações (...) é por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória (NORA, 1993, p. 13).

É muito importante dizer que esse passado sempre ficará marcado em nossas lembranças como uma forma de se preservar essa memória, tendo em vista que “o passado nos é dado radicalmente com outro (...)” (NORA, 1993, p. 19), pois está em constante evolução. Halbwachs (1990) sinaliza que a memória não tem passado, sobrevive enquanto seus personagens vivem ou se lembram.

Por isso que, enquanto nós indígenas da Aldeia Pau Brasil vivermos, essas memórias sempre estarão vivas.

A memória é uma potência política que fortalece a nossa identidade. Ela sempre estará ligada a uma capacidade de lembrar as experiências que fazem parte da nossa vida e que constituem nossa história.

2 ESPAÇO SOCIAL DE MORADIA E TRAJETÓRIAS DOS ENTREVISTADOS

Como já mencionei no início desse texto, moro na Aldeia indígena Pau Brasil da etnia Tupinikim, desde fevereiro de 1989. Porém, a presença dos povos indígenas Tupinikim esteve presente na minha trajetória desde quando era criança, mesmo não sabendo que era indígena. Com essa convivência enquanto mãe, mulher indígena e educadora, pude também conhecer ainda mais a história milenar do meu próprio povo e do povo Guarani que, ao longo do tempo, desde a década de 60, tem estado engajado junto conosco na luta pelos nossos direitos. Os conhecimentos que são transmitidos pelos anciãos de nossas comunidades são de muita importância. Nos dão muito orgulho de ser pertencente a um povo que resiste ao longo do tempo e da história.

Dados indicam que o povo Tupinikim habita o atual território há muitos séculos. É o que se pode observar no Relatório de Estudo Etnoambiental realizado nas terras indígenas Tupinikim de Comboios, feito pela Associação Nacional de Ação Indigenista (ANAI), em 2010. Segundo informações desse estudo,

A presença dos Tupiniquim no litoral do Espírito Santo, em Santa Cruz, município de Aracruz, foi registrada por diversos viajantes que passaram por esta região entre os séculos XVI ao XIX. Inclusive Dom Pedro II, em visita de inspetoria à Província do Espírito Santo em 1860, fez o trajeto de Nova Almeida (atual distrito do município de 24 Serra), passando por Santa Cruz (atual distrito de Aracruz), por Barra do Riacho (atual distrito de Aracruz) e pelo hoje município de Linhares, quando registrou em suas anotações a presença de vários grupos tupiniquins, seus encontros com estes, aspectos de sua vida e cultura. (LEVY, Rocha, 1980). Esta população indígena foi estimada por Jean de Léry, que esteve no Espírito Santo com a frota de Villegagnon em 1557, em 55 mil habitantes, no trecho situado entre o Espírito Santo e o Sul da Bahia (ANAI, 2010).

O povo Tupinikim resiste há mais de 522 anos, sempre em busca do reconhecimento enquanto povo indígena com seus costumes, tradições e uma cultura milenar. Passou por transformações ao longo da história, principalmente a partir do contato com os colonizadores que aqui chegaram. É através das memórias dos nossos ancestrais que buscamos garantir nossas lutas e conquistas.

Atualmente, os Tupinikim e Guarani habitam em terras indígenas, situadas ao norte do Estado do Espírito Santo, no município de Aracruz. Este é o único município capixaba que possui em suas terras dois povos indígenas. Com resistência e muita luta pela garantia de direitos, sempre se relacionaram com a sociedade ao seu redor.

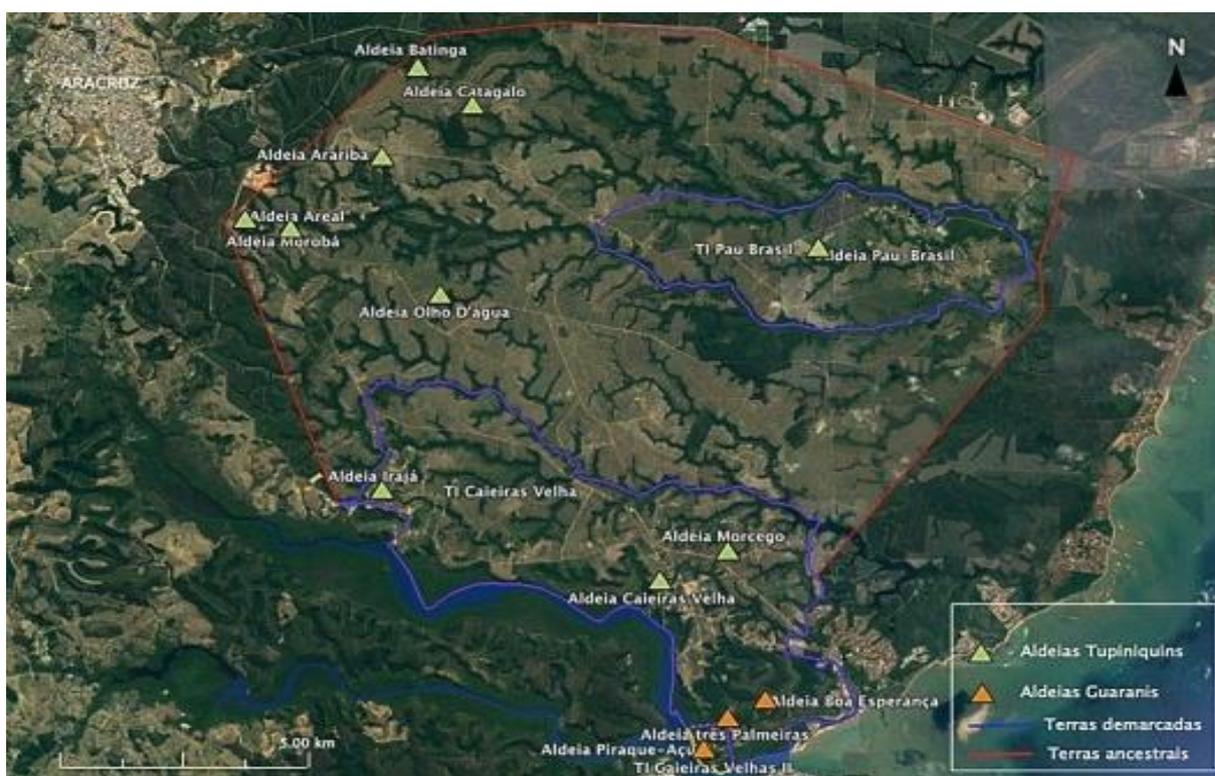
Os povos indígenas de Aracruz vivem aldeados ao longo do território do município em 12 aldeias, sendo cinco dessas aldeias Guarani, seis Tupinikim e uma aldeia Tupi-guarani. Atualmente, os Tupinikim podem ser encontrados nas aldeias Pau Brasil, Areal, Caieiras Velhas, Comboios, Córrego do Ouro, Irajá e Areal. Segundo os dados do IBGE (2010), o município de Aracruz tem uma população indígenas de 3.040 habitantes. De acordo com pesquisa feita juntamente às Unidades Básicas de Saúde (UBS) das Aldeia de Caieiras Velhas, Irajá, Comboios, Guarani e Pau Brasil, nas 12 Aldeias habitam 1.137 famílias, como mostra a tabela abaixo.

Tabela 1 - Distribuição por Aldeia e número de famílias referente ao ano de 2018

Aldeia	Etnia	Famílias
Irajá	Tupinikim	200
Areal	Tupinikim	95
Pau Brasil	Tupinikim	200
Olho D'água	Guarani	17
Nova Esperança	Guarani	20
Boa Esperança	Guarani	43
Três Palmeiras	Guarani	36
Piraqueaçú	Guarani	9
Caieiras Velhas	Tupinikim	385
Amarelos	Tupi / Guarani	7
Comboios	Tupinikim	123
Córrego do Ouro	Tupinikim	62
Total de Famílias		1.157

No Mapa abaixo, é possível observar a localização geográfica das terras Indígenas Tupinikim e Guarani, no Município de Aracruz/ES.

Figura 1 – Localização geográfica de terras indígenas Tupinikim e Guarani - Município de Aracruz/ES



Fonte: NEIVA, Simone (2022)

2.1 ALDEIA INDÍGENA TUPINIKIM PAU BRASIL

Conforme se pode observar no mapa, a aldeia Pau Brasil fica bem isolada de outras comunidades cercadas pelo rio Doce e pelo Mar. Ao norte da Aldeia encontra-se a Rodovia ES-257e, ao sul, limita-se com o córrego Sahy. As Aldeia mais próximas são Olho d'água e Nova Esperança (Guarani) e Caieiras Velhas (Tupinikim). Atualmente, a Aldeia Pau Brasil, tem aproximadamente 310 famílias, possuindo 1 cacique e 12 lideranças que trabalham juntos para o

desenvolvimento da comunidade. Estes dados são do controle do senso do posto de saúde da Aldeia. Na localidade também há 4 igrejas, sendo 3 evangélicas e uma Católica. Os moradores de Pau Brasil contam como os serviços de profissionais de um posto de saúde. A maioria desses profissionais são indígenas, incluindo técnicos de enfermagem, agentes comunitários de saúde, ASG, motoristas e a enfermeira chefe. Também na escola da aldeia todos os educadores são indígenas. Nesta unidade escolar funciona da Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental. No centro da aldeia há uma cabana, onde acontecem reuniões e festividades. Há também um centro comunitário, onde está instalada a ATUPIAPABRA (Associação Indígena Tupinikim da Aldeia Pau Brasil). Para o lazer, há um campo de futebol. Em se tratando de atividades comerciais, há uma lanchonete e uma casa onde se vende ração de cachorro e água mineral.

Com relação à atividade agrícola, em Pau Brasil são poucas as pessoas que têm uma roça com algum tipo de plantação. A maioria trabalha fora da Aldeia em empresas situadas na região, exercendo as funções de: eletricitista, mecânico, ajudante, pintor, soldador etc. Um grupo de mulheres da aldeia exerce atividades como a prática de artesanato em suas casas. A pintura em tela é realizada na já mencionada ATUPIAPABRA. Algumas pessoas fazem outros tipos de artesanato em suas próprias casas.

A praia da Água boa está localizada há, aproximadamente 8 quilômetros da Aldeia Pau Brasil, sendo 6 quilômetros de estrada de chão e 2 quilômetros de asfalto para se chegar até lá, pois esse lugar ainda continua lá, só que não mais da mesma forma quando íamos para pescar e catar os mariscos. Como mencionado anteriormente, esse lugar fica onde hoje está instalado o estaleiro Jurong. A instalação dessa empresa trouxe uma grande indignação e perda para toda a comunidade, pois ficamos sem um local apropriado para realizar o ritual de mariscar e pescar nos períodos de lua nova e cheia. A área ficou totalmente imprópria para banho, para pesca ou cata de mariscos. Nos foi tirado um lugar de identidade e memória. Ali podíamos compartilhar saberes ensinando para nossos filhos, sobrinhos e para própria comunidade como era viver livre. Um

momento de lazer e de ensino sobre como catar mariscos, tirar ouriço³ usando o bicheiro⁴, além de outros vários saberes que são de suma importância e que fazem parte da nossa cultura. Infelizmente, essa área, com todas estas características e importância, não entrou, na época da demarcação das terras indígenas, como uma área a ser demarcada. E hoje, onde realizamos esses momentos? Em lugares que não têm o mesmo sentido e a mesma energia ancestral de nossos antepassados. Pouquíssimas são as pessoas que ainda fazem essas práticas em outros lugares. Infelizmente, essa empresa só trouxe tristeza e a perda muito grande de conhecimentos ancestrais. Quem construiu ou autorizou a instalação desse estaleiro ali não teve nenhuma preocupação em saber quem frequentava o local, muito menos a importância desse lugar para nós indígenas da Aldeia Pau Brasil.

Figura 3 – vista aérea do estaleiro Jurong



Fonte: BESSI, Renata (2015)

³ **Ouriço** é um animal invertebrado espinhoso que vive grudado nas pedras no mar, sua ova serve de alimento quando assado no fogo.

⁴ **Bicheiro** é um instrumento feito de ferro com a ponta envergada que serve para tirar o ouriço das pedras.

Figura 4 - Praia da Água Boa⁵



Figura 5- Ouriço sendo assado

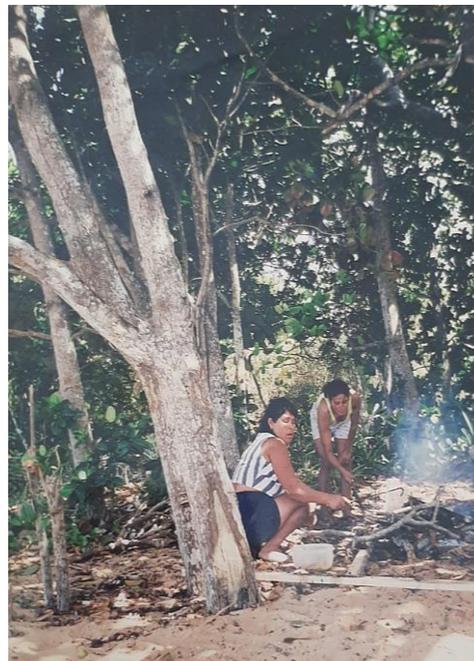


Figura 6 - ouriço assado



Figura 7 – cata de buso



⁵ Registro feitos por moradores da Aldeia Pau Brasil, antes da instalação do estaleiro.

2.2 Trajetórias dos entrevistados

Uma vez conhecido um pouco do espaço social de pesquisa, apresento a seguir as pessoas cujas memórias considere neste estudo. Conforme já mencionei na introdução, trata-se de uma professora, de uma anciã e de um ex cacique.

Minha primeira entrevistada, dona Marlene Pereira da Rosa, é uma pessoa muito especial para mim, é minha mãe. Tem 69 anos e foi nascida e criada na Aldeia Pau Brasil. Na verdade, viveu na aldeia até 14 anos e depois foi para Vitória/ES morar com uma de suas tias. Lá começou sua trajetória trabalhista. Não quis continuar com seus estudos e logo começou a trabalhar como doméstica em casa de família. Por lá mesmo conheceu meu pai, o senhor Wilson Pedro da Rosa (in memoriam), com quem se casou aos 27 anos. Foram morar em um lugar chamado Vista da Serra, que pertence ao município da Serra/ES, e logo em seguida eu nasci. Somos em quatro irmãos. Minha mãe é uma pessoa muito guerreira. Estudou pouco, somente até a 4ª série primária, mas sabe o suficiente que lhe ajuda no seu dia a dia. Depois de passar por alguns momentos difíceis na vida, com seus 40 anos retornou à Aldeia. Hoje seus filhos já estão todos criados, sendo duas professoras, uma enfermeira que atua no posto de saúde da aldeia onde moramos e um técnico em elétrica que mora no Rio de Janeiro. Atualmente, graças a Deus, ela vive aqui na Aldeia Pau Brasil, firme e forte.

Minha segunda entrevistada foi a professora Katia Cilene de Almeida Silva Pereira, ela tem 54 anos. Nasceu e foi criada na Aldeia Pau Brasil. Atualmente é professora da educação infantil na escola da Aldeia. Seu gosto pela educação começou a partir de um curso de Magistério indígena diferenciado intercultural Tupinikim e Guarani. Os caciques e lideranças das comunidades conseguiram com muita luta que esse curso acontecesse para que as crianças pudessem estudar coisas do cotidiano da Aldeia já que, com as outras professoras, elas não viam isso. Então, com ajuda da Pastoral Indigenista, esse curso aconteceu e o certificado foi emitido pela escola Monsenhor Guilherme Schimitis, em nível

de ensino médio. Antes, as professoras das escolas das Aldeias eram ligadas à FUNAI. Depois, foram as do estado. Hoje, a maioria dos professores de todas as escolas indígenas, inclusive daqui da Aldeia, são indígenas. E com muitos anos de contribuição de seus conhecimentos na educação escolar indígena, está chegando o momento de se aposentar dessa trajetória de trabalho, esse ano ela ainda começou trabalhando na escola com as turmas de 4 e 5 anos.

Antes de falar sobre meu último entrevistado, irei fazer um breve relato sobre a trajetória dos caciques de minha Aldeia, pois tem muita relação com a pessoa a qual irei falar. Antigamente, aqui na Aldeia Pau Brasil, não havia cacique, tinha apenas uma pessoa que representava a comunidade em reuniões fora da Aldeia, era conhecido como João Almeida (*in memorian*), porém seu nome era Valdemar, que acabou se tornando o primeiro cacique da Aldeia Pau Brasil e ficou no cacicado por alguns anos. Naquela época não se tinha eleição para cacique. O segundo cacique foi o Senhor Antônio Carlos Pinto dos Santos, conhecido como Senhorzinho. Logo após o término do mandato do senhor Senhorzinho, tomou posse o terceiro cacique, Senhor Antônio dos Santos, conhecido como senhor Antonino (*in memorian*), que ficou no cacicado por 18 anos, foi o cacique que ficou mais tempo nesse cargo, o senhor Antonino e pai de senhorzinho. Como o senhor Antonino já estava se sentindo cansado com esse trabalho, ele entregou o cargo. Foi então que aconteceu a primeira eleição para se eleger o próximo cacique. Foi eleito o senhor Valdeir de Almeida Silva, que atuou como cacique por 16 anos. É ele e o meu terceiro entrevistado. Tem 59 anos e sempre morou em Pau Brasil, juntamente com sua família. Só saiu por um curto período para trabalhar e ajudar seus pais. Na época ele estava com 16 anos. Assim como os outros caciques, contribui muito com a comunidade na luta pelos nossos direitos e, principalmente, pela luta pela terra. O senhor Valdeir fez parte dessa luta. O mandato do senhor Valdeir acabou no ano passado (2021), no início do ano, quando aí se teve uma nova eleição para cacique. Cada pessoa da comunidade que esteja legalmente registrado no censo da Aldeia e que seja maior de 16 anos, pode participar da eleição. O atual cacique chama-se Romildo Pereira. O senhor Valdeir contribuiu muito com a nossa Aldeia. Hoje ele prefere descansar um pouco deste trabalho que, penso, é muito desafiador e com muita responsabilidade.

Essas pessoas entrevistadas contribuíram bastante para a realização deste estudo, somaram muito na construção desta pesquisa. Eu me sinto muito satisfeita e honrada em poder ouvi-las, registrar e poder falar um pouco de suas memórias.

3 MEMÓRIAS E NARRATIVAS SOBRE EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NA PRAIA DA ÁGUA BOA

Neste capítulo apresento e analiso as narrativas relativas às memórias acerca da praia da Água boa. É importante observar que, no decorrer das entrevistas, os entrevistados produziram narrativas a respeito de outros assuntos que também fazem parte do nosso dia a dia enquanto povo indígena e de nossa história de luta. Então, inicialmente, apresento sobre cada um desses assuntos, tratando cada um na sua particularidade de importância que representa para nós indígenas da Aldeia Pau Brasil, pois é através deles que muitos de nossos antepassados viveram e lutaram com muita dificuldade.

Antigamente, aqui na Aldeia Pau Brasil, há mais ou menos uns 40 anos, a agricultura entre as famílias que aqui viviam era muito forte e presente. Pude vivenciar esses momentos, além de outros manejos como a pesca de peixes nos rios, uma dessas práticas que pude participar que não me esqueço até hoje e do que chamávamos de *bur⁶aca*, ou seja, um tipo de pesca, mas utilizando uma peneira onde precisávamos entrar dentro do rio colocando a peneira perto do barranco do rio sacudia com os pés para que o peixe ou o camarão pudesse entrar dentro da peneira. Os dois rios mais próximos a Aldeia chamados de rio Sahy e rio Guaxindibá e também a própria caça de animas como: tatu, paca, veado etc. A construção de artesanatos era muito importante. Faziam remo, peneira grande e pequena, vassouras, pilão e outros. Todas as famílias viviam do que plantavam e colhiam e umas das suas principais fontes de renda era a farinha. Hoje em dia, muitas famílias ainda têm uma roça de mandioca para realizar o processo de fabricação da farinha. Fazem para vender, trocar e também para o próprio consumo. Esse trabalho na roça era árduo, pois tinha muito serviço braçal usando a enxada e enxadão para que a roça ficasse preparada para se plantar as mandibas de mandioca e de outras plantas. De acordo com a fala de um dos meus entrevistados Senhor Valdeir de Almeida Silva, naquela época a vida era ainda mais difícil.

⁶ Buraca é uma forma de pegar peixe, colocando a peneira nos cantos das barreiras dos rios sacodindo a água com os pés para que o peixe entre na peneira.

Antigamente era tudo na base do enxadão, todo mundo tinha roça com mandioca, aipim, feijão, milho, cana. Antes se plantava as coisas para vender e também para o próprio consumo. O que precisávamos comprar antigamente era só sal e pó de Café. Criava-se animal também para comer como porco, galinha. Hoje, ainda tem pessoas que criam um animal, pois antes a necessidade fazia as pessoas trabalharem mais na roça. Hoje tem mais facilidades e as pessoas podem trabalhar fora da aldeia. As pessoas mudaram muito. Penso que as coisas vão mudando e a gente tem que acompanhar também essa mudança.

Como anteriormente dito, algumas famílias continuam tendo suas roças de mandioca, frutas e também criam animais para seu próprio consumo. Esta prática não se perdeu. Porém, de alguns anos para cá mudou muita coisa na aldeia Pau Brasil. Com a chegada de alguns implementos que estão presentes na terra indígena Tupinikim ocorreram muitas parcerias, trazendo para a comunidade alguns projetos agrícolas, como também em forma de indenização. Mesmo com essas mudanças continuamos plantando, principalmente para nosso próprio consumo. É o que uma das minhas entrevistadas Dona Marlene expressa em uma de suas narrativas:

O que eu passei antigamente não foi nada fácil. A gente não tinha quase alimento para comer. Nós então vivíamos das plantações pra vender, pra compra as coisas. Agora as plantações não são como eram antes, pois, pra falar a verdade algumas coisas precisam ser compradas e só algumas pessoas que se tem uma roça para seu uso próprio.

A alimentação dos Tupinikim sempre teve sua base na agricultura, na caça, na pesca, na coleta de frutos e no cultivo de alguns vegetais, principalmente da mandioca, como mencionado acima.

3.1 DEMARCAÇÃO DAS TERRAS INDÍGENAS TUPINIKIM E GUARANI

A demarcação de terras indígenas refere-se à garantia dos direitos dos povos indígenas à terra. É de suma importância para a preservação da identidade e para evitar conflitos. A este respeito, é importante observar que “a demarcação de terras, ao estabelecer os limites físicos das terras pertencentes aos indígenas, visa a proteger de possíveis invasões e ocupações por parte dos

não índios” (MUNDO educação, 2022, p.1). Por isto, “assegurar a proteção desses limites é, também, uma forma de preservar a identidade, o modo de vida, as tradições e a cultura desses povos” (MUNDO educação, 2022, p.1).

De acordo com as falas dos mais velhos de Pau Brasil, ninguém sabia que aqui era Aldeia e que as pessoas que aqui viviam eram indígenas. Sempre ouvi falar que aqui nem se tinha cacique, só tinha uma pessoa que participava das reuniões para tratar assunto sobre a comunidade.

Segundo as narrativas de Kátia,

Antigamente a gente era considerado Cabloco. O pessoal vinha, fazia pesquisa que tinha vestígio de concha, um negócio assim, pra os antropólogos pesquisar, pra ser área indígena, mas a gente era considerado como Cabloco. Eles falavam Cabloco. Tanto que, na época, não tinha o cacique. Era um capitão, que era seu Manoel Simplício. Assim, eu lembro que o primeiro cacique foi tio João. Só não teve eleição, foi indicado logo assim que surgiu que aqui era uma aldeia.

Atualmente, nós indígenas Tupinikim e Guarani, habitamos três terras indígenas, no Município de Aracruz no Estado do Espírito Santo. A respeito da demarcação destas terras, pode-se considerar a seguinte explicação, obtida em uma reportagem do Conselho Indigenista Missionário, em 2010.

As terras dos povos indígenas Tupinikim e Guarani foram identificadas em 1996, através de estudos antropológicos pela Funai, com um total de 18.000 hectares. Mas foram demarcadas, em 1998, com apenas 7.061 hectares, com decisão inédita que permitiu a diminuição da terra após acordo com a empresa Aracruz Celulose. Em troca, a empresa ficou responsável por medidas de compensação aos indígenas, em um processo que na época foi questionado pelo Ministério Público Federal (CIMI, 2022).

A conquista dessas terras para nós Tupinikim e Guarani foi de suma importância, pois, com isso, garantimos um futuro melhor para nossas crianças e para as futuras gerações onde terão espaço para poderem construir suas moradias e lugares para realizarem projetos que estejam voltados para nossa cultura e realidade. Com isso, dando continuidade a essa luta que não morrerá jamais de sempre fortalecer nossa identidade enquanto povos indígenas que somos tão discriminados pela sociedade que precisa reconhecer e conhecer como e essa vivência em comunidade indígena, lutando pelos nossos direitos que são reconhecidos perante a Constituição Federal Brasileira.

Figura 8 – Movimento em prol a Demarcação das terras indígenas dos Povos Tupinikim e Guaraní do Município de Aracruz – ano 2006



Fonte: COIMBRA, Ubervalter (2022)

3.2 MEMÓRIAS SOBRE A PRAIA DA ÁGUA BOA

É só fechar os olhos que volto no tempo a este lugar que chamávamos praia da Água Boa. Desde que passei a morar na casa do meu avô Placidínio, junto com minha mãe e irmãs, na aldeia Pau Brasil, sempre nos períodos de lua nova e cheia, íamos para lá. No primeiro momento, íamos todos a pé. Naquela época ainda tinha eucalipto plantado na área que pertencia à aldeia. Ia aquele monte de gente para a Água Boa, levávamos farofa, café e água. Como o caminho era muito longo, cansava e dava sede. Depois de alguns anos, a comunidade conseguiu adquirir um trator com carroça. Então, quando as pessoas queriam ir para a Água Boa, eram transportadas em cima da carroça. Era muito bom, momentos muito bons. Lembro-me bem que quando saíamos da praia, quando a maré começava a encher, íamos comer farofa e assar o ouriço. Lembro também que os mais velhos contavam muitas histórias das pessoas antigas que já haviam falecido, do que acontecia na comunidade, dávamos

muitas risadas. Na Água Boa, a impressão que tinha é que as pessoas que ali estavam se sentiam livres. Parecia que os problemas não existiam. Um lugar que transmitia muita paz, onde íamos para nos divertir, catando os mariscos para nos alimentar depois.

O ritual de se reunir na Praia da Água Boa é uma prática que acontecia desde muito tempo, como se pode notar nas narrativas dos entrevistados.

A este respeito, o Sr. Valdeir fez o seguinte comentário:

Desde que me entendia por gente, as pessoas já iam para a Água Boa. Eu tinha uns 8 anos. A gente ia pela estrada que sai na Água Boa para vender farinha, onde cortávamos caminho para chegar na Barra do Sahy.

Dona Marlene, que hoje tem 69 anos, também relata sobre as memórias da infância na Água Boa.

Da Água Boa eu lembro que a gente ia, desde criança. Mamãe acordava 5 horas da manhã, fazia farofa, quando tinha ingredientes para fazer. Senão, só botava a farinha no saco e a gente ia, aquele monte de gente. Tia Norma ia com as crianças. Dona Dedé e dona Nega também iam. Na época ia um monte de gente. Nós íamos a pé.

Kátia lembra com muita satisfação sobre a prática de pegar polvo na Água boa, quando era criança. De acordo com ela

Aquela criançada corria na praia, brincava na areia, corria atrás para pegar goroça⁷. Eu sei que era muito bom. Eu lembro que quando a gente era criança pegava polvo, pegava b⁸uso.

Durante muito tempo, as idas à Água Boa eram feitas a pé, uma longa caminhada, sempre durante os períodos de lua nova ou cheia, conforme se pode observar nos relatos abaixo.

Saíamos daqui de Pau Brasil a pé pra irmos para Água Boa comer ouriço no tempo de lua nova ou cheia. A gente juntava aquela turmada de gente, criança, ia tudo a pé lá pra Água Boa comer ouriço. Aí só vinha de tarde embora. Era bom, eu gostava demais, para nós era uma maravilha (dona Marlene).

⁷ Goroça é um pequeno caranguejo, de cor amarelada, que vive em buracos na praia.

Daqui até na Água Boa deve dar uns 8 quilômetros a pé. A gente sempre ia com mamãe e meus irmãos. Finado Toinho sempre ia na lua nova e cheia (seu Valdeir).

Conforme já relatei anteriormente, somente depois dos implementos agrícolas é que foi possível fazer o percurso de carroça. Em seu relato, Kátia explica a respeito.

Com o tempo, logo depois que começou a ter os implementos agrícolas, o trator e carroça, a gente já ia de carroça. Nesta época, mamãe já não existia mais. A gente ia de carroça, mas muitas vezes nós fomos a pé pra Água Boa.

Segundo Katia, a Praia da Água boa, pelas memórias que ela tem, era um lugar onde as pessoas iam para assar ouriço e comer na própria praia, onde também falavam coisas sobre a aldeia. Era um lugar de lazer.

Foi uma perca muito grande para nós que somos indígenas que temos esse costume de assar o ouriço de ficar à vontade, mesmo. O bom do ouriço é você assar ele lá na praia, comer ele lá.

Dona Marlene também relata sobre suas memórias do que a Água Boa lhe transmitia naquela época.

Da Água Boa o que eu falo e que lá era um lugar muito especial para nós índios, porque íamos mariscar, pegar ouriço, peixe e buzo a gente vinha as vezes com os baldes cheio de buzo e peixe pescado de vara e com polvo também que era pego nas pedras. Que lugar maravilhoso a Água Boa.

Porém, é importante observar, conforme o relato do sr. Valdeir, que a praia da Água Boa era também um lugar muito importante de extração de alimento. Muitas vezes as pessoas iam até lá assar o ouriço, pegar polvo e catar buzo nas pedras, e também sempre levavam esses mariscos que pegavam na praia para comerem em casa, pois naquela época as pessoas tinham muita dificuldade financeira. Então, esse alimento era também importante para complementar a alimentação.

Nós íamos faxiar à noite, matávamos muito polvo. Hoje, as pessoas parecem que não passam mais dificuldades, mas naquela época íamos

para o mangue, para Água Boa mariscar e faxiar por necessidade (Senhor Valdeir).

Como pode ser observado, as memórias dos entrevistados sobre a praia da Água Boa atribuem a este lugar um significado especial, como sendo o espaço do lazer, da brincadeira, da diversão, da conversa boa, da reunião entre famílias, mas também do alimento compartilhado e extraído. Ao mesmo tempo que as pessoas iam à praia da Água Boa por lazer, também o faziam por necessidade de obter alimentos, pois em muitos momentos, a situação financeira de cada família era muito difícil. As pessoas viviam praticamente da agricultura, pesca, caça, artesanato e vendiam muito a farinha que era uma renda muito importante, pois com a farinha se fazia troca por outros alimentos em vilarejos próximos à Aldeia. Para adquirir outros produtos e, por ter esse momento muito árduo de trabalho, ir para a Água Boa mariscar se tornava um complemento muito importante para nossa alimentação. No nosso dia a dia não tínhamos alimentos como ouriço, buzo e polvo.

É também importante ressaltar que, para nós da Aldeia Pau Brasil, a Praia da Água Boa tem o significado de lugar de memória, conforme perspectiva apresentada por Nora (1993, p. 12 – 13), lugares de memórias “(...) são, antes de tudo, (...) marcos testemunhais de uma outra era, das ilusões de eternidade (...)” podendo ser objetos, instrumentos ou instituições, em outras palavras; são lugares onde podem ser ancorada a memória, através dos sentidos, lugares que podem fazer emergir um grupo; e lugares simbólicos, onde essa memória coletiva se constrói. Conforme esse mesmo autor:

Os lugares de memórias nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivo, que é preciso manter aniversário, organizar celebrações (...) é por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória (NORA, 1993, p. 13).

É nesse lugar de memórias que as pessoas da aldeia Pau Brasil iam se reunir para falar sobre assuntos da comunidade.

Atualmente, é muito sofrido olhar para aquele lugar e ter que acreditar que não podemos vivenciar mais os momentos que ali tivemos. A instalação de uma empresa na localidade da Praia da Água Boa provocou a extinção de um lugar de memória, de lazer e de extração de alimentos, deixando apenas todas as lembranças nas mentes das pessoas da comunidade. As lembranças desse lugar sempre estarão vivas em nossas memórias, mesmo que os dominantes tentem nos fazer esquecer. Para nós de Pau Brasil, sempre ao olharmos para o Estaleiro Jurong, lembraremos dos momentos que compartilhamos memórias na Praia da Água Boa. Para nós, ter vivenciado aqueles momentos tem um grande significado, pois representa uma importante troca de saberes.

Hoje, infelizmente, está sendo muito difícil nos reunir para vivenciarmos as experiências praticadas na Praia da Água Boa. Algumas pessoas ainda vão em lugares mais distantes, mas não é a mesma coisa, os mesmos sentimentos, as mesmas memórias de um lugar que faz parte da nossa história. Sentimos muita falta desses momentos por não termos mais onde ir.

É muito importante dizer que esse passado sempre ficará marcado em nossas lembranças como uma forma de se preservar essa memória, tendo em vista que “o passado nos é dado radicalmente com outro (...)” (NORA, 1993, p. 19), pois está em constante evolução. Halbwachs (1990) sinaliza que a memória não tem passado, sobrevive enquanto seus personagens vivem ou se lembram. É por isso que, enquanto nós indígenas da Aldeia Pau Brasil vivermos e partilharmos essas memórias, elas sempre estarão vivas e resistindo.

No processo de criação da memória, muitas histórias podem ser repetidas ou muitas vezes ocultadas e silenciadas ao longo dos anos, não ficando conhecidas. No caso em questão, é importante observar que somente nós, moradores da Aldeia Pau Brasil, vivenciamos experiências e compartilhamos memórias na praia da Água Boa. Outras pessoas, que não são indígenas, também conheceram esse lugar, mas, para eles, os significados compartilhados são outros. Para nós, indígenas Tupiniquim, moradores da Aldeia Pau Brasil, a praia da Água Boa representa um lugar de memória e resistência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo busquei registrar memórias sobre experiências vividas na praia da Água Boa, por indígenas do povo Tupinikim, da Aldeia Pau Brasil. Ter escrito sobre essas memórias constituiu-se para mim em motivo de grande emoção. É muito importante lembrar de fatos que aconteceram nesse lugar, dos quais pude ter o prazer de participar. Como já destaquei, a memória é fonte importante de informação, é base fundamental para construção da nossa história e de nossa identidade. Essa memória criará uma forte ligação entre os vários pensamentos que fazem parte de nosso passado e que ainda se mantêm vivos, fortalecendo ainda mais a identidade e o respeito ao ser indígena.

Registrar, contar e relembrar essas memórias na escola para as crianças é um ponto fundamental. A maioria delas, nos tempos de hoje, não está tendo a oportunidade de conhecer e vivenciar práticas que fazem parte de um contexto pertencente à cultura Tupinikim, da Aldeia Pau Brasil. São fatos importantes que, muitas vezes, ficam despercebidos e acabam sendo esquecidos. Passam por um processo de silenciamento, conforme reflexão de Polack (1989). Através dessas narrativas, escritas por uma mulher indígena, mãe e educadora, essas memórias podem deixar de ser subterrâneas (POLACK, 1989) para serem mostradas para todas as pessoas. Memórias de nós, povos indígenas, na maior parte das vezes, têm sido escritos e contados por pessoas que não são indígenas, que não vivenciaram e participaram desses momentos. Estas iniciativas são muito importantes, mas vejo como fundamental que nós indígenas possamos registrar nossas próprias memórias. É fundamental para o processo de reconhecimento de nossa identidade.

Por fim, vale dizer que espero muito que este trabalho não seja o último. Que ele possa suscitar a vontade de outros pesquisadores realizarem estudos sobre outros assuntos, fazendo sempre o registro de memórias que são narradas pelos nossos sábios. São de suma importância para que nossa história não seja esquecida, mas sim lembrada e fortalecida.

8 REFERÊNCIAS

ANAI (Associação Nacional de Ação Indigenista). Estudo Etnoambiental: Terra Indígena Tupinikim e Terra Indígena Comboios, 2010.

BESSI, Renata. Descobertas arqueológicas no terreno do estaleiro Jurong. Disponível em: <<https://apublica.org/2015/03/descobertas-arqueologicas-no-terreno-do-estaleiro-jurong/#:~:text=Foram%20encontrados%20tr%C3%AAs%20s%C3%ADtios%20arqueol%C3%B3gicos,s%C3%ADtio%20Barra%20do%20Sahy%203>> Acesso em: 29 jun. 2022.

CONSELHO Indigenista Missionário (CIMI). Terras Tupiniquim e Guaraní no Espírito Santo são homologadas. Disponível em: <https://cimi.org.br/2005/05/23498/> Acesso em 05 julh.2022

COIMBRA, Ubervalter. Cinco décadas de lutas: finalmente, índios capixabas têm as escrituras de suas terras. Disponível em: <<https://acervo.socioambiental.org/index.php/acervo/noticias/cinco-decadas-de-lutas-finalmente-indios-capixabas-tem-escrituras-de-suas-terras>> Acesso em: 29 jun.2022.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

MUNDO educação. Demarcação de terras indígenas. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/demarcacao-terras-indigenas.htm#:~:text=A%20demarca%C3%A7%C3%A3o%20de%20terras%20ao,e%20a%20cultura%20desses%20povos>> Acesso em: 29 jun. 2022

NEIVA, Simone. **Casas e aldeias guaranis em Aracruz, Espírito Santo**: uma terra (quase) sem males. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteturismo/10.116/6269>> Acesso em 30 jun. 2022.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 10. São Paulo, dez.-1993.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, vol 2, n.3, 1989. p. 3-15.

_____. **Memória e Identidade Social**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol. 5, n. 10, 1992.

PREFEITURA Municipal de Aracruz. Aracruz é o único município capixaba que possui aldeias indígenas. Disponível em: <<http://www.pma.es.gov.br/noticia/7832/>> Acesso em: 29 jun. 2022

SIMSON, Olga R. M. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**, São Paulo, n. 6, p. 14-18, may 2003. Disponível em <http://www.fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo/article/view/57> Acesso em: 29 jun. 2022